

**XXIV**  
**COLÓQUIO**  
TEMA: **ESQUECIMENTO**

**HEIDEGGER**

Caderno de Resumos



### Comissão Organizadora

Alexandre Ferreira, UNIFESP

Eder Soares Santos, UEL

Róbson Ramos dos Reis, UFSM

Tito Marques Palmeiro, UERJ

### Comissão Científica

Edgar Lyra Neto, PUCRJ

Marco Antônio Casanova, UERJ

Zeljko Loparic, PUPR

### Editores

Felipe Medeiros

Gabriel Dietrich

Marcelo Vieira Lopes

# PROGRAMAÇÃO

Q U A R T A      30 out

08:30-10:00      Inscrições e abertura

10:00-12:00      **Conferência:** Olvido en el pensamiento de Heidegger:  
tres contextos de determinación  
Francisco Abalo, Universidad de Chile, Chile  
Coordenação: Róbson Ramos dos Reis

14:00-16:00      **Mesa 1**  
Claudia Drucker (UFSC): Memória, tempo e música  
Tito Marques Palmeiro (UERJ): O perigoso talvez  
Coordenação: Sandro Sena

16:30-18:30      **Mesa 2**  
16:30 – 18:30 – Mesa 2  
Marco Casanova (UERJ): O que significa orientar-se  
na lembrança?  
Giovanni Jan Giubilato (UEL): A teoria eidética do esqueci-  
mento na fenomenologia de Eugen Fink  
Coordenação: Eder Soares Santos br

Q U I N T A      31 out

08:30-10:00      **Comunicações** Anfiteatro, Salas 1 e Terraço

10:15-12:00      **Videoconferência:** Poder esquecer. O esquecimento  
como acontecimento e como possibilidade ontológica  
em Heidegger  
Irene Borges-Duarte, Universidade de Évora, Portugal  
Coordenação: Alexandre Ferreira

- 14:30-16:00**     **Sessão de Pôsteres** : Anfiteatro  
Coordenação: Róbson Ramos dos Reis
- 16:30-18:00**     **Palestra 1:** Esquecimento e memória histórica  
em Heidegger  
Alexandre Franco de Sá, Univ. de Coimbra, PUCPR  
Coordenador: Marco Casanova

S E X T A            **01 nov**

- 08:30-10:00**     **Comunicações:** Anfiteatro, Salas 1 e Terraço
- 11:00-12:00**     **Palestra 2:** Pluralismo ontológico e memória  
Sandro Sena (UFPE)  
Coordenação: Edgar Lyra
- 14:00-15:30**     **Mesa 3**  
Alexandre Ferreira (UNIFESP): Heidegger e o fim  
da filosofia: do que realmente esquecemos?  
Edgar Lyra (PUCRio): O Esquecimento da Retórica  
Coordenação: Tito Marques Palmeiro
- 16:00-18:00**     **Conferência:** El pensar rememorante y la recuperación  
del mundo  
Luis Eduardo Gama, Univ.Nacional de Colombia, Colombia  
Coordenação: Eder Soares Santos
- 18:00**             **Encerramento**  
Anúncio do XXV Colóquio Heidegger - 2020.

# PROGRAMAÇÃO COMUNICAÇÕES



QUINTA, 31 out | 8:30-10:00

## ANFITEATRO

Coordenação: Marcelo Lopes

**Sentimentos Existenciais e Memória Corporal**

Marcelo Vieira Lopes UFSM

**Amor como resposta ontológica do ser-aí ao esquecimento do ser**

Alex Antonio Rosa Costa USP

**Modalidades de Esquecimento na Ontologia de Martin Heidegger**

Marianne Conceição de Souza Girard UFPE

## SALA 1

Coordenação: Pedro Igor Araújo

**Esquecimento e a via de uma alteridade própria**

Vinicius Paiola de Oliveira USP

**Consciência e esquecimento em Ser e Tempo**

José Reinaldo Felipe Martins Filho IFITEG/UFG

**Esquecimento como esquecimento de si em Ser e tempo**

Pedro Igor Araújo UFSM

## TERRAÇO

Coordenação: Bráulio Marques Rodrigues

**Sobre o esquecimento do ser: o modo que o velamento repercute no Ser-aí**

Carlos Roberto Guimarães UESC

**O impacto do esquecimento do originário na arte**

Anderson Kaue Plebani UFSC

## **Da infidelidade ao Ser e da fidelidade ao homem: esquecimento e autenticidade em Heidegger e Hölderlin**

Bráulio Marques Rodrigues UFPA

**SEXTA, 01 nov | 8:30-10:00**

### **ANFITEATRO**

Coordenação: Paulo Mendes Taddei

**Do esquecimento do ser para o pluralismo ontológico: temporalidade e modos de ser no programa da ontologia fundamental**

Gabriel Dietrich UFSM

**Retomada contra o esquecimento: Fenomenologia como superação da história da filosofia**

Gabriel Lago de Sousa Barroso UERJ

**Temporalidade e Transcendência: retenção e esquecimento entre Husserl e Heidegger**

Paulo Mendes Taddei UFRJ

### **SALA 1**

Coordenação: Deborah Moreira Guimarães

**A reconstrução fenomenológica da tese do esquecimento desde os cursos e seminários do jovem Heidegger**

Victor Hugo de Oliveira Marques UCDB

**Do esquecimento do Ser à analítica existencial do “ser-no-mundo”: a unidade entre ser-aí e mundo na “Metafísica do Dasein”**

Arnin Rommel Pinheiro Braga FACBEL

**Decomposição da verdade: do esquecimento ao abandono do ser**

Deborah Moreira Guimarães UNIFESP

## TERRAÇO

Coordenação: Fabrício Coelho de Sousa

**O esquecimento do ser enquanto fundamento do pensar ocidental  
sobre a essência do homem**

Fabricio Coelho de Sousa FACBEL

**O Esquecimento como a verdade histórica da modernidade**

Gabriela de Souza Fehr UFSCar

**Suicídio, Técnica e Esquecimento de Ser**

Victor Portavales Silva UERJ

# SESSÃO DE PÔSTERES



SEXTA, 01 nov | 14:00-15:30

## ANFITEATRO

Coordenação: Róbson Ramos dos Reis

1. Alexandre de Ugalde Gründling
2. Andreas Gonçalves Lind
3. Christiane Costa de Matos Fernandes
4. Eder Soares Santos
5. Eliana Henriques Moreira
6. Elisney Dias Francisco
7. Fernanda Antônia Barbosa da Mota
8. Gilvanio Moreira
9. Heraldo Aparecido Silva
10. Isadora Franco Felício dos Santos
11. Jheovanne Gamaliel Silva de Abreu
12. Lisandra Caroline de Araújo Lima Teixeira
13. Mariana Alvares
14. Paulo Gil Ferreira
15. Priscilla Andrea Glasre
16. Róbson Ramos dos Reis
17. Renzo Mascote de Andrade
18. Thiago Ehrenfried Nogueira
19. Verena Than
20. Yonathan Listik



## **Poder esquecer. O esquecimento como acontecimento e como possibilidade ontológica em Heidegger**

Irene Borges-Duarte

Universidade de Évora, Portugal

O esquecimento é uma experiência incómoda da quotidianidade da existência. É, nesse sentido, marca de temporalidade e de finitude, com carácter ontológico e com alcance ôntico. Manifesta o caminho da verdade do ser à maneira humana e, nele, arrasta consigo o ser no mundo de tudo quanto há. Heidegger define esse caminho ontológico incontornável como sendo o da metafísica ocidental, hoje culminante na época da técnica. Mas, numa abordagem meta-ontológica, esse fenómeno ontológico constitui também uma possibilidade para o existir de cada um, enquanto projecto. O não-esquecimento compulsivo, obsessivo inibe o a-vir, reduzindo-o a interpretações sedimentadas, pre-determinadas por situações hermenêuticas do sido, congeladas num não-passado. A presente abordagem fenomenológica pretende considerar esta duplicidade do possível e do não-possível radicado no olvido e na abertura afectiva ao novo, assim habilitado.

## **Olvido en el pensamiento de Heidegger: tres contextos de determinación**

Francisco Abalo

Universidad de Chile, Chile

Intentaré fijar la noción de olvido en la filosofía de Heidegger desde tres puntos de vista, coincidentes con tres tipos de contextos de análisis presentes en la obra de este filósofo. El primero contexto de análisis es el ontológico-existencial (*Ser y tiempo*), en el cual el “olvido” de la pregunta por el ser es remitido, en último término, a la tendencia existencial básica de

pérdida de sí mismo en el uno y el olvido como una de las dimensiones de temporificación de la existencia impropia. El segundo, el histórico-filológico (GA54; *Parmenides*) en el que el olvido es interpretado a partir de sentido de los términos griegos en que se documenta este fenómeno; por último en el contexto de la historia del ser (*Seinsgeschichte*) (GA 65, *Beiträge*/GA 66, *Besinnung*). En los tres contextos destaca fuertemente la posición antipsicologista en relación a las condiciones óptimas de explicación de este fenómeno. La pregunta que intentaré contestar es qué dice este sólo hecho acerca de la posición filosófica de Heidegger y en qué medida la noción antipsicologista de olvido es una noción clave dentro de su filosofía.



## El pensar rememorante y la recuperación del mundo

Luis Eduardo Gama

Universidad Nacional de Colombia, Colombia

Diferentes enfoques teóricos anuncian ya desde hace algún tiempo una progresiva pérdida del mundo o ‘desmundanización’ como el sello distintivo de la condición del individuo contemporáneo. La ‘desmundanización’ señala, a grandes rasgos, un paulatino proceso de desconexión, atomización o extrañamiento del individuo con respecto al horizonte común de sentido que hasta ahora le servía de apoyo existencial, y que se muestra como un creciente desarraigo frente a su entorno físico natural, pero también de cara al mundo histórico intersubjetivo y a su propia interioridad. A mi modo de ver este planteamiento no es en realidad tan novedoso, pues hunde sus raíces ya en los análisis del joven Marx o en la ontología de la existencia desarrollada por Martin Heidegger. En esta conferencia me propongo primero esbozar la idea de la desmundanización o privación de mundo de la mano de estos autores. En ellos se hace evidente un doble aspecto del fenómeno, ontológico y crítico, que me parece está ausente en muchos de los planteamientos contemporáneos. En segundo lugar, mostraré cómo la pérdida de mundo puede comprenderse desde una distorsión de la relación recuerdo y olvido, y finalmente avanzaré la idea de que una peculiar forma de pensamiento, un pensar rememorante, puede ser visto como la forma particular de praxis requerida para la tarea de la recuperación del mundo.

## Esquecimento e memória histórica em Heidegger

Alexandre Franco de Sá

Universidade de Coimbra

A dialéctica entre esquecimento e memória é um traço fundamental da finitude humana. A partir da sua articulação, o esquecimento é a condição essencial para que a memória seja possível, do mesmo modo que a lembrança surge sempre como uma repetição, uma retomada (*Wiederholung*), sempre precária e nunca definitiva, daquilo que entregue a si mesmo se esvai no esquecimento. Ao abordar o papel do esquecimento no quadro do pensar da história do ser (*Seinsgeschichtliches Denken*), mencionando explicitamente o esquecimento do ser como motor desta história, Heidegger reconfigura esta articulação de tal maneira que o esquecimento do ser, a sua subtracção a uma presença, é o próprio modo, ínsito ao ser, de o ser se tornar presente.

## Pluralismo ontológico e memória

Sandro Sena

UFPE

Como tudo o que diz respeito ao ser-aí, memória diz respeito a ser e verdade. Porque ser se mostra de diversos modos, entre si irreductíveis, também diversos e entre si irreductíveis serão os modos desse fenómeno, cuja estrutura fora somente esboçada em seus traços mais gerais por Heidegger enquanto uma relação ontológica (*Seinsbezug*) com os entes, relação formalmente indicada pelo termo “reter” (*Behalten*). Na medida em que “Reter é uma relação com algo, e a isso pertence compreensão de ser”, como observa o pensador em *Seminários de Zollikon*, então as possibilidades mnemônicas, quer dizer, os comportamentos retencionais – e o esquecimento seria con-

cebido como uma forma privativa de retenção – são em si mesmos transcendentais, isto é, constituídos por transcendência. Retido é decerto o ente, mas sempre e apenas enquanto ultrapassado, compreendido, naquilo que ele é e como ele é. Diferenciar os modos de retenção com fundamento na compreensão do modo de ser do ente retido (presentidade, manualidade, existência, etc.), compõe o núcleo da construção fenomenológica de um conceito ontológico-existencial de memória, através do qual se revela a amplitude e riqueza de formas desta possibilidade de ser-no-mundo, que permaneceram e tinham de permanecer ocultas para as abordagens teóricas, que a tomam antecipadamente como faculdade psicológica ou psicofisiológica.

## A teoria eidética do esquecimento na fenomenologia de Eugen Fink

Giovanni Jan Giubilato

Universidade Estadual de Londrina -UEL

Eugen Fink é um dos grandes filósofos do século XX, reconhecido como um dos maiores e mais inovadores representantes da tradição fenomenológica. Freqüentador assíduo tanto de Husserl quanto de Heidegger, e profundo conhecedor da filosofia tanto de um quanto do outro, Fink vem sendo cada vez mais reconhecido como o proponente de uma terceira via que supera o *impasse* de um confronto por vezes irreconciliável entre as posições dos dois grandes mestres, e entre as tradições que surgiram a partir deles. Um dos elementos mais interessantes do projeto filosófico próprio, desenvolvido já a partir do final dos anos 20 e chamado de “fenomenologia meônica do absoluto”, é certamente a *teoria eidética do esquecimento*. Esta inclui tanto uma análise intencional do fenômeno “esquecimento” no contexto da temporalidade e da constituição transcendentais, quanto uma interpretação mais geral da filosofia como *dialética do esquecimento*. Apresentar as diversas faces do problema do esquecimento na fenomenologia meônica de Fink, destacado as interseções com o pensamento de Husserl e Heidegger, é a tarefa da presente conferência, cujo objetivo é o de propor uma contribuição à divulgação de um pensador ainda pouco estudado no Brasil e atualmente alvo de uma importante *renaissance* internacional.

## Heidegger e o fim da filosofia: do que realmente esquecemos?

Alexandre Ferreira

UNIFESP

Para Heidegger a história da filosofia é a história do progressivo esquecimento do ser. Tal esquecimento não constitui uma deficiência do pensamento metafísico, mas é antes a própria condição de possibilidade da meta-

física. O ser se subtrai como ser ele mesmo e se revela como fundamento do ente, como presentidade (*Anwesenheit*) daquilo que se apresenta (*Anwesen*) e, assim, pode ser tomado como algo pensável e dizível. Segundo nosso pensador, a história do ser chegou ao esgotamento de suas possibilidades na técnica moderna, a qual (por questões que serão discutidas na apresentação) se realiza como perigo do qual devemos nos salvar. Para tanto é urgente despertar o pensamento da e para a experiência fundamental do esquecimento do ser a fim de pensarmos o que nunca foi pensado, ou seja: a própria essência da verdade, a clareira ou abertura na qual o ser se torna acessível. Porém o ser enquanto ser já não pode ser dito pela linguagem da metafísica (a qual pensa o ser como fundamento do ente), a única que possuímos. Assim, Heidegger nos deixa a difícil tarefa de pensar o (lembrar do) impensado e dizer o que não pode ser dito. Essa tarefa implica no abandono da filosofia em favor de um outro pensar. A apresentação busca discutir: 1) até que ponto se sustenta o diagnóstico sobre a técnica como perigo e como completude da história do esquecimento do ser; 2) se a filosofia chegou ao seu fim; 3) se ainda é possível um outro pensar; 4) se não estamos esquecendo de alguma outra coisa.



## O que significa orientar-se na lembrança?

Marco Casanova

UERJ

Ao questionar radicalmente a originariedade da subjetividade e, por conseguinte, ao minar até mesmo uma fenomenologia pautada nos atos intencionais de consciência, Heidegger parece nos lançar em uma perspectiva eminentemente anti-natural. Sem poder falar de algo assim como a percepção, a imaginação e a lembrança, vemo-nos obrigar a dar voz a uma certa inquietação quanto a como traduzir tais atos na linguagem da experiência do ser-no-mundo. Exatamente tal tradução, por sua vez, se encontra em jogo no presente texto. O que procuraremos mostrar, nos valendo antes de tudo do caso da lembrança, é em que medida atos de consciência são realocados por Heidegger no campo da abertura de mundo. Assim, nossa questão orientadora passa a ser: que abertura traz consigo a possibilidade da lembrança? O que significa, em suma, se orientar na lembrança?



## Memória, tempo e música

Claudia Drucker

UFSC

O pensamento de Heidegger é ao mesmo tempo instigante e frustrante para o interessado em música. Quando Heidegger fala de arte, não fala do tempo, e vice-versa. A música não é exceção. A necessidade de associar os temas do tempo e da arte não se impôs o pensador e muito menos a noção de que música e tempo se esclareceriam mutuamente. Toda a ênfase dada ao tempo parece encorajar o pensamento sobre uma arte que exige o decorrer do som no tempo. Mas a música não tem dimensão alética por si mesma. Na minha última apresentação no colóquio Heidegger, esbocei o lugar da música no seu pensamento. A música é entendida como componente da canção (do poema cantado). A música não tem nenhuma função desencobridora do tempo, por simplesmente não ser tratada por Heidegger como uma arte temporal. Quem tem a função alética é a palavra no poema, a música entrando como uma espécie de coadjuvante sem autonomia. Já para afirmar que não existe tratamento da relação entre tempo e arte, também seria necessário explicar que o tempo aí é entendido primariamente como o suporte do som. Este é o tempo de que tratam a psicologia e a teoria da música, das quais Heidegger nada quis saber. Existe, contudo, uma relação entre o tempo e arte que a poesia descobre. Para o segundo Heidegger, pós-*Kehre* (e ainda aceitarei a validade dessa classificação), o tempo é inseparável da história coletiva e decorre da relação da comunidade consigo mesma. A relação do poema com o tempo é antes uma relação com a história, isto é, com o tempo coletivo. A poesia de Hölderlin instaura uma nova relação com o tempo, que agora é entendido como o porvindouro que vem encontrar o presente. O poema hölderliniano “Recordação” faz da recordação um sinônimo para a existência da e na história. Recordar se apresenta não só um olhar para o passado, mas também para a sua irrepetibilidade tal e qual. A recordação é a conversão do passado em futuro, por assim dizer, uma vez que é deixar o passado tornar-se relevante para o presente, de modos que o passado preparou, mas não previu. O objetivo da comunicação é articular tempo, memória e arte segundo as linhas indicadas, isto é, não apenas no sentido que ouvir exige a retenção dos sons passados, mas no sentido em

que a memória poética constitui o que recorda (isto é, o ente). Em seguida, perguntarei se poderia ser essa recordação um modelo para a audição musical. Este modo de derivar uma filosofia do tempo a partir da leitura da poesia de Hölderlin se aproxima de experiências vividas reais? A recordação é a base de uma atualização da “música especulativa” que deve ser entendida e não precisa decorrer como som? O tratamento dos afetos, segundo Heidegger I, possibilitaria um modelo de escuta sonora mais interessante?



## O Esquecimento da Retórica

Edgar Lyra

PUCRio

Verifica-se hoje uma espécie de renascimento do interesse filosófico pela retórica, a ponto de autores como Chaïm Perelman e Michel Meyer a enxergarem como caminho de ultrapassagem da metafísica. Fato é que Heidegger havia pontuado, em curso de 1924, que “o sentido original da retórica há muito desapareceu”. Esclareceu que, nesse sentido esquecido, “a retórica não é senão a explicitação do *Dasein* em sua concretude, ou seja, a hermenêutica do *Dasein* propriamente dito”. Três anos mais tarde, reiterou que “ela deve ser apreendida como a primeira hermenêutica sistemática da convivência cotidiana com os outros.” Não obstante essa lapidar menção, a hermenêutica fenomenológica que alicerça a analítica existencial de *Ser e Tempo* não contém outras atenções explícitas à retórica. Bem mais tarde, instado a procurar caminhos na linguagem em meio à hegemonia tecnológica, Heidegger revisita o sentido outrora conferido à palavra “hermenêutica”. É nesse mesmo momento que define sua filosofia como “topologia do ser”, sendo tentador enxergar ecos retóricos nessa denominação. A aposta que estrutura este artigo é, enfim, a de que no percurso filosófico de Heidegger há indicações inexploradas para um possível resgate da retórica ao esquecimento que a confinou seja ao campo das teorias da argumentação, seja ao da análise literária, mais exatamente num momento em que, em meio ao perigo da dominância técnica, precisa crescer algo que salve.





## O perigoso talvez

Tito Marques Palmeiro

UERJ

Parte do efeito de *Ser e Tempo* em seus leitores é produzido por um pedido de engajamento com o qual esse livro começa. Engajamento na questão do ser; contra o esquecimento no qual ela caiu após os primeiros esforços da ontologia grega. Muitas gerações de leitores se defrontaram com esse pedido, mas deve-se admitir que depois de quase um século do surgimento de *Ser e Tempo*, tal despertar não ocorreu. A intenção de minha apresentação é mostrar que esse engajamento, como toda tomada de posição, perde o que há de problemático e potente na questão do ser. Será que se deve resumir o esquecimento a um componente negativo, ou seria ele o que justamente possibilita a Heidegger falar novamente dessa questão? Trata-se de explorar essa possibilidade em textos posteriores que interrogam o modo de colocação da questão do ser, para perguntar: que tipo de pensamento seria convocado pela afinidade entre a questão do ser e o esquecimento?

## Amor como resposta ontológica do ser-aí ao esquecimento do ser

Alex Antonio Rosa Costa

USP

Heidegger se refere diretamente ao amor poucas vezes em sua obra, contudo, desse pouco, é possível entrever que o amor é entendido como um modo de acesso à verdade, como defende Agamben em “*A paixão da facticidade*”. Para além disso, a discussão acerca do amor divide os comentaristas: Agamben entende o amor como paixão da facticidade, Acylene Ferreira como afinação (*Stimmung*), mas é Márcia Schuback, seguida por Dax Moraes, que parece nos oferecer a chave para o entendimento ontológico do amor. Ela toma a fundo a equiparação que Heidegger faz entre amor e cuidado (*cura, Sorge*) nos “*Seminários de Zollikon*”, quando o alemão afirma: “Contudo, cuidado, corretamente, isto é, fundamental-ontologicamente, entendido em nada se difere de ‘amor’, mas sim é o nome da constituição ekstático-temporal da característica fundamental do ser-aí, ou seja, a compreensão-de-ser” (GA, 89, p. 237, tradução livre). Com Schuback, defendemos uma leitura radical do amor em Heidegger para afirmar que amor é *Sorge*, portanto o amor é da constituição ontológica do ser-aí. Mais: o amor é da constituição do ser-aí *qua* compreensão-de-ser. Dessa maneira, é possível afirmar que o amor, como acesso à verdade e como possibilitador da compreensão-de-ser, é constitutivo do ser-aí e é caminho possível, portanto, contrário ao esquecimento da verdade do ser. No trabalho, pretendo esclarecer o entendimento heideggeriano sobre o cuidado – termo mais usado e desenvolvido – e sobre o amor a fim de entender como eles podem se colocar contrários à metafísica, entendida como história do esquecimento do ser.



## O impacto do esquecimento do originário na arte

Anderson Kaue Plebani

UFSC

Na cultura, uma das repercussões do esquecimento do ser se dá no modo como a reflexão sobre a arte se guia ao longo da tradição filosófica. A dimensão do originário, tão fértil nas investigações heideggerianas sobre a arte, é inócua àquela tradição. Seja para testemunhar fatores relativos à criação ou à fruição artística, o originário responde pela dimensão na qual toda e qualquer experiência com a arte se torna possível em termos ontológicos, justamente nos termos em que a estética manteve impensado. É porque tal dimensão está latente, por exemplo, nas pinturas de Van Gogh, Cézanne ou Klee, que tais obras provocam um abalo na habitualidade do mundo, ofertando uma experiência da estrutura ontológica própria ao ser que nós somos. Daí a importância que Heidegger atribui ao artístico quando elabora sua versão do problema da técnica: se, por um lado, o perigo da técnica consiste num insistente estreitamento de nossas possibilidades de desvelamento da realidade (viciada em desvelar a realidade como disponibilidade); por outro lado, a arte aparece como via de salvação, não porque impede aquele desvelamento da realidade nem porque meramente dispõe de um desvelamento alternativo; mas porque no modo do desvelar poético, exigido à experiência artística, manifesta-se o originário (o esquecido) e, com isso, põe-nos em contato com nossa constituição de abertura de possibilidades ao invés de estreitamento. Contudo, a situação contemporânea diagnosticada por Heidegger como a época da técnica – ou seja, do radical predomínio do esquecimento do originário – não é favorável para a própria arte, uma vez que também o que é propiciado por ela se retrai à experiência. Deste modo, a presente comunicação pretende explorar, a partir da visada heideggeriana, a situação embaraçosa da arte contemporânea em termos de silenciamento da sua potencialidade ontológica no interior de um contexto dominado pela estrutura técnica.



## Do esquecimento do Ser à analítica existencial do “ser-no-mundo”: a unidade entre ser-aí e mundo na “Metafísica do Dasein”

Arnin Rommel Pinheiro Braga

FACBEL

Em *Ser e Tempo* (§1), Heidegger inicia sua reflexão afirmando que todo o itinerário filosófico do Ocidente caracterizou-se como uma busca por tornar o ente em sua totalidade transparente e conhecido, o que levou a um contínuo esquecimento da questão fundamental do sentido do Ser. Neste contexto, em seus escritos de 1927 a 1930, Heidegger retoma novamente esta questão do esquecimento do Ser em sua chamada “Metafísica do Dasein”, analisando a tentativa da filosofia tradicional de tornar transparente o ente em sua totalidade por meio do conceito “mundo”. Nesta etapa de seu pensamento, o autor aponta que o fenômeno “mundo” – entendido tradicionalmente como um ente ou como a soma de todos os entes – passa a ser tratado como uma realidade exterior e oposta ao Dasein, fundamentando assim uma compreensão insuficiente da questão do Ser a partir de uma relação entre um sujeito (o “ser-aí”) e um objeto (o mundo como o ente em sua totalidade), centrando toda a filosofia em uma reflexão sobre o ente que acarreta no esquecimento da pergunta pelo sentido do Ser. Deste modo, buscaremos elucidar como Heidegger propõe, em sua “Metafísica do Dasein”, uma reflexão mais originária sobre o sentido do Ser ao analisar o termo grego *Κοσμος* em seu sentido mais radical, revelando um entendimento do fenômeno “mundo” não como um ente separado do Dasein, mas como um modo de ser do ente sempre em referência ao “ser-aí”, ou seja, um modo como o ente é a partir da relação estabelecida com o Dasein, relação esta sintetizada no constitutivo ontológico de “ser-no-mundo”. Dessa forma, em sua “Metafísica do Dasein”, Heidegger propõe algo original: somente considerando o fenômeno “mundo” como uma realidade em unidade intencional com o “ser-aí” (“ser-no-mundo”), poderemos ter uma base segura para a reflexão sobre a pergunta pelo sentido do Ser.



## Da infidelidade ao Ser e da fidelidade ao homem: esquecimento e autenticidade em Heidegger e Hölderlin

Bráulio Marques Rodrigues

UFPA

O objeto deste trabalho é a leitura do problema da diferença ontológica a partir de Heidegger e Hölderlin. O objetivo da abordagem visa salientar como o problema da diferença ontológica, ao se debruçar sobre a distinção das categorias de ser e ente, pronuncia a relação entre o Ser e o homem. Ao se voltar para Hölderlin, Heidegger propõe uma radicalidade à faculdade pura da intuição do sujeito transcendental. A intuição passa a ser concebida como o esquecimento da apresentação ôntica do ser, ou seja, da sua representação enquanto ente para a melhor compreensão ontológica, neste trabalho entendida como presença no mundo. De tal maneira, o esquecimento apresenta-se como a própria condição para a presença no mundo. Semelhante esquecimento é, portanto, o nascimento de uma memória de si mesmo mais profunda de tudo que o homem pensava sobre a existência até então. Se é necessária a fidelidade ao ser na tipologia do ente, leia-se, a tentativa de representação enquanto correspondência à natureza, mais necessária ainda, é a sua infidelidade como marca da historicidade. A infidelidade ao ser é análoga à fidelidade ao homem no sentido do esquecimento das representações para o desvelamento do caráter histórico da existência, essa demarcada pela experiência atual do homem com o mundo. Pode-se dizer então que o esquecimento, tal como disposto no poema *Mnemosine* de Hölderlin, está contido na alusão de que o homem é um símbolo que não pode ser interpretado de maneira definitiva. A tese é de que o esquecimento é a condição de possibilidade para a desconstrução da história da filosofia, e pode-se dizer, inclusive, do senso comum acerca da linguagem, para isso, o instrumento é a poesia como caminho rumo à autenticidade. A poesia é a abertura ao próprio princípio crítico da filosofia e o estado criativo da arte do pensamento.



## **Sobre o esquecimento do ser: o modo que o velamento repercute no Ser-aí**

Carlos Roberto Guimarães

UESC

Segundo Heidegger, o velamento é o coração da verdade enquanto alethéia (desvelamento). Ou seja: tudo o que se desvela recebe seu vigor da força de velamento – retração. Ao mesmo tempo, isto que se desvela requer um cenário ou abertura que, de alguma forma, o recolha no arranjo de sentidos que constitui o mundo. Essa abertura ou cenário desde onde ocorre o desvelamento é o próprio homem. Evidencia-se, pois, que para que tal desvelamento ocorra no homem é preciso que este, de alguma forma, seja afetado pelo velamento. E aqui está o ponto fulcral que pretendemos refletir: de que forma o velamento afeta ao Ser-aí? Procuraremos sustentar que o velamento afeta ao Ser-aí enquanto algo que, de alguma maneira, queda-se sempre para o esquecimento. Dito de outra forma: o esquecimento é o modo em que o velamento repercute no Ser-aí.



## **Decomposição da verdade: do esquecimento ao abandono do ser**

Deborah Moreira Guimarães

UNIFESP

A concepção de uma verdade mais originária só é possível quando compreendida em seu sentido de desvelamento, que consiste na abertura que permite a manifestação do ente como ente. Se o descerramento de mundo é a condição de possibilidade para que os entes se mostrem em um campo fenomênico, retirando-os do encobrimento provocado pela tradição metafísica ocidental, podemos interpretar a verdade fenomenológica como originariamente verdade transcendental – sendo esta a base do que chamaremos de como hermenêutico. Nesse sentido, a plena experiência do ser como acontecimento está diretamente relacionada ao caráter abissal correspondente ao modo como a verdade se estabelece: a partir da tensão provocada por crises. É no interior da retenção da nadaidade ontológica ori-

ginária que será possível pensarmos a tradição metafísica como um espaço de esquecimento do problema do ser, e, conseqüentemente, como uma história de encobrimento da pergunta central da fenomenologia hermenêutica: a questão do sentido de ser, o que caracterizará a tradição como uma metafísica da presença. Dessa maneira, propomos uma interpretação que visa relacionar os conceitos de crise e de abertura tendo como pressuposto o problema da indeterminação. Trata-se de investigar a crise como um possível meio de rearticulação do campo fenomênico, originado a partir da tensão existente na duplicidade que envolve a compreensão de ser. Assim, de uma incompreensão profunda em torno da questão do sentido partiremos ao problema da desarticulação da experiência originária da verdade. O abandono do ser será interpretado como o acontecimento fundamental da história metafísica, isto é, como o próprio fundamento do esquecimento e como a retração da noção de acontecimento em meio ao processo de entificação que caracteriza a era da maquinação.



## **O esquecimento do ser enquanto fundamento do pensar ocidental sobre a essência do homem**

Fabricio Coelho de Sousa

FACBEL

A presente comunicação parte do contributo heideggeriano para o questionamento do que seja a essência do homem: um sujeito racional? Um ser corpóreo? Um ser espiritual? Um ser vivente? As formas de questionar, bem como as possíveis respostas para esse questionamento carecem de fundamento ontológico. A essência primordial do homem é ser-aí, dirá Heidegger. Mas, por que o pensar Ocidental não declarou ser esta a essência do homem? Heidegger defenderá a tese de que o questionamento sobre a essência do homem está sobre a base de um questionamento mais primordial: o sentido do ser, que foi esquecido pelo pensar Ocidental. Ser-aí é o substrato ontológico para que possamos visualizar a essência do homem. Para tanto, o filósofo alemão fará uma Analítica existencial do ser-aí, que tem como meta primordial exibir sua característica fundamental: a Ec-sistência. Entretanto, podemos observar Heidegger reformular o conceito de ser-aí no

decorrer de seu pensar. Exibir o percurso que o pensamento heideggeriano efetua da passagem da Analítica existencial do ser-aí fundamentado no cuidado (Sorge) de si em vista de si mesmo alicerçado na compreensão de ser (Seinsverständnis), para uma compreensão mais originária do que seja o ser-aí humano: sua ec-sistência in-sistente que se regula pela dação (Gegenbenheit) de Ser e, que, portanto, passa por uma transformação essencial vindo a tornar-se ser-aí historial (geschichtlichen Dasein), que é tomado e perpassado pela verdade do Ser (Wahrheit des Seyns) tendo como horizonte o esquecimento do ser pelo pensar Ocidental é a nossa meta. Vale ressaltar que esta reformulação é densa de implicações metodológicas novas para a investigação sobre o ser e que, de certa maneira, exhibe a ligação do projeto de uma ontologia fundamental e com o pensar do ser.



## **Do esquecimento do ser para o pluralismo ontológico: temporalidade e modos de ser no programa da ontologia fundamental**

Gabriel Dietrich

UFSM

Na base do programa da ontologia fundamental radica o diagnóstico crítico de Heidegger em relação ao modo como tradicionalmente o ser foi concebido, a saber, em termos exclusivamente do presente e à luz da categoria ontológica da substância. Dentre as importantes consequências desta concepção tradicional destacam-se a tendência de interpretar todos os entes em termos substanciais e uma caracterização da história da metafísica em termos da história do esquecimento do ser. Em um contra-movimento a este esquecimento e tendência, no programa da ontologia fundamental são reconhecidos diversos modos de ser a partir dos quais os entes são compreendidos como entes com identidades ontológicas determinadas e que não são adequadamente caracterizados em termos substanciais, como o modo de ser da vida (Leben), da disponibilidade (Zuhandenheit) e da existência (Existenz). Formulado a partir do vocabulário de Ser e Tempo, este reconhecimento significa que nem todos os entes são adequadamente caracterizados a partir do modo de ser da subsistência (Vorhandenheit). O objeti-



vo geral deste trabalho consiste em examinar em que medida às diferentes identidades ontológicas correspondem diferentes configurações temporais. Metodologicamente, considerando o caráter horizontal da temporalidade, o conceito de esquematismo cumpre aqui uma função expositiva importante. Mais especificamente, este trabalho insere-se criticamente no contexto de disputa de duas recepções meta-ontológicas que atribuem a Heidegger a defesa de um pluralismo ontológico, a hermenêutico-modal de Aspectos da Modalidade (2014) e a quantificacional de *The Fragmentation of Being* (2017). A tese interpretativa adotada é a de que a inserção da temporalidade é necessária para que qualquer recepção meta-ontológica pluralista faça justiça ao papel central que a compreensão de ser cumpre no programa da ontologia fundamental, como expressamente indicado no título de *Ser e Tempo*.



## **Retomada contra o esquecimento: Fenomenologia como superação da história da filosofia**

Gabriel Lago de Sousa Barroso

UERJ

Podemos formular a pergunta que orienta esta comunicação do seguinte modo: por que e com qual fim se estuda história da filosofia? Será a rememoração da filosofia em sua história necessária para o exercício da própria filosofia? Se sim, em que reside esta necessidade? É conhecido o horizonte a partir do qual fazemos essa pergunta: em certa medida, filosofia tornou-se história da filosofia, isto é, a pergunta sobre os fenômenos em questão na filosofia tornou-se a pergunta sobre uma determinada apreensão deste mesmo fenômeno em um “sistema” específico de pensamento. O reflexo mais imediato desta compreensão é a divisão da filosofia em uma dimensão “histórica” e uma “sistemática”, de tal modo que a pesquisa histórica torna-se uma espécie de propedêutica para a almejada investigação sistemática, conquistando sobre ela uma preponderância cada vez maior. Queremos colocar em questão essa divisão corrente entre histórico e sistemático, mostrando que a fenomenologia carrega consigo uma polêmica contra a história da filosofia. Essa polêmica reside na própria tendência da fenomenologia a se realizar (i) como uma performance em primeira

pessoa e (ii) orientada pelo princípio de evidência. Uma tal tendência atravessa Ser e Tempo, embora apresente uma transformação decisiva em relação à fenomenologia husserliana: o fenômeno em questão na fenomenologia hermenêutica é o ser-aí histórico. Sendo assim, a questão da história é positivamente integrada à fenomenologia como acontecimento histórico, o que leva necessariamente à modificação da ideia corrente de história da filosofia. Trata-se de uma superação da história da filosofia, não como um abandono de qualquer preocupação histórica, mas sim como uma pergunta sobre a constituição da dinâmica que rege a própria relação entre filosofia e historicidade. Nessa comunicação, buscaremos expor essa dinâmica a partir de uma análise do §74 de Ser e Tempo, formulando-a a partir da modulação entre esquecimento e retomada (Wiederholung).



## O Esquecimento como a verdade histórica da modernidade

Gabriela de Souza Fehr

UFSCar

Para o filósofo alemão Martin Heidegger, o que caracteriza a Metafísica ocidental, ou o pensar filosófico desde Platão e Aristóteles, é o esquecimento da diferença ontológica entre Ser e ente. O Ser é reduzido à mesma conceituação lógico-racional que categoriza os homens e as coisas, e, mais do que isso, o próprio ente em sua trama de conceitos e definições, na promoção do que pode ser chamado de entificação do Ser. Heidegger, ao questionar o Ser, traz à tona a figura da clareira: o que fundamenta o Ser, (embora tendo como essência o Abismo sem fundamento, logo, incapaz de ser definido, representado e quantificado como um ente), é seu velar e desvelar, o fundar da Verdade histórica que caracteriza o Mundo humano a partir da doação vinda da Terra. Mundo é o desenrolar dos acontecimentos humanos, o que comumente se conhece como História, e Terra, a *physis* grega, é o doado pelo Ser enquanto solo de possibilidades, Abertura que se abre ao mesmo tempo em que se oculta. Constituindo a História da humanidade, Mundo e Terra são doações do Ser, providas da clareira e projetadas a partir da linguagem. O homem habita na linguagem, afirma Heidegger, à espera amorosa da fala do Ser, do divino, em meio aos tempos de

carência da Modernidade, a noite dos deuses (Gottesnacht) e a consequente desdivinização do mundo, o velar do divino em decorrência do desvelar do humano, do sujeito. Como receptáculo, intermediário e mensageiro do dizer do sagrado, há o poeta, que pronuncia e prenuncia a verdade do porvir, a aurora dos novos deuses. A travessia para tanto implica na compreensão da condição de velamento, o Esquecimento metafísico, pela espera do que ainda virá como doação de Mundo.



## Consciência e esquecimento em Ser e Tempo

José Reinaldo Felipe Martins Filho

IFITEG/UFG

Ao refletirmos sobre o esquecimento no âmbito do pensamento heideggeriano, a noção de consciência (Gewissen) apresentada por Heidegger nos §§ de 54 a 60 de Ser e Tempo parece-nos salutar. Enquanto desenvolve suas análises sobre a vida cotidiana, horizonte em que é possível descobrir o Dasein, àquela altura mediador necessário ao trabalho da ontologia fundamental, Heidegger depara-se com o problema da inautenticidade como o modo de ser em que este ente se mantém predominantemente. A perda do Dasein no das Man – impessoalidade – tal como exposta no § 27 tem como consequência uma nova forma de esquecimento da questão do ser, o que aproximaria Ser e Tempo de direcionamentos contestados por Heidegger desde os seus primeiros parágrafos. Este é o contexto em que emerge a questão da consciência, defendida como um fenômeno ontológico-existencial. Até ali o autor havia preferido manter-se distante de quaisquer noções que aproximassem sua ontologia dos antigos postulados propagados pelas filosofias da subjetividade, o último acabamento da metafísica tradicional. Mesmo a noção de consciência, tão cara a outras fenomenologias, como é o caso da husserliana, havia sido deixada de lado em função de categorias que poderíamos nomear pré-compreensivas e, até mesmo, afetivas no tocante ao comportamento do Dasein com relação ao ser. No entanto, ao voltar para este conceito Heidegger permanece num mesmo posicionamento. Não se trata nem da má consciência nietzschiana, nem, tampouco, da Bewusstsein fenomenológica. Para Heidegger a consciência (Gewissen) surge como o

apelo do Dasein a si próprio, em busca do resgate de sua autenticidade, isto é, da compreensão do ser como sua tarefa primordial e pessoal. Existe, então, um estreito vínculo entre o esquecimento do ser e o resgate operado pela consciência, vista como uma espécie de intuição fundamental, uma disposição afetiva pré-ciente. Este é o caminho que aqui pretendemos desenvolver.



## Sentimentos Existenciais e Memória Corporal

Marcelo Vieira Lopes

UFSM

No atual marco de interação entre fenomenologia e psiquiatria, um importante fator de avaliação tem sido a atenção ao modo como determinados sentimentos influenciam as auto descrições, seja na forma de sentimentos de alienação, apatia, distância, insegurança, etc. Os chamados sentimentos existenciais constituem, assim, uma categoria descritiva composta por uma classe de sentimentos corporais, não-conceituais que estruturam de forma pré-intencional nossa experiência dos outros, do mundo e de nós mesmos (Ratcliffe, 2008). Por outro lado, nossa experiência corporal é determinada por uma história particular, sedimentada através de disposições, capacidades e hábitos constituintes da experiência, cuja forma de rememoração é distinta da memória explícita de fatos e eventos. A memória corporal se apresenta de maneira implícita, na qual o passado emerge como determinante da experiência atual através de disposições corporais, porém, sem conteúdo determinado, conforme identificou Fuchs (2018). Como se estabelece, portanto, a relação entre esses dois aspectos da experiência? A experiência da enfermidade mental pode contribuir para elucidar a ligação entre memória corporal e sentimentos existenciais? Um ponto ainda não avaliado na literatura diz respeito à inscrição mnemônica nos processos corporais que contribuem para o estabelecimento do senso de realidade e familiaridade similar ao papel desempenhado pelos sentimentos existenciais. Na mesma direção, a abordagem de Ratcliffe não menciona o papel da memória corporal junto aos sentimentos de tipo existencial, ainda que estes possuam uma dinâmica aparente precisamente nas experiências de enfermidade mental. Minha proposta consiste, assim, em avaliar a co-dependência dos

níveis afetivos e mnemônicos nas rupturas de ordem psiquiátrica. Ao final, apresento as vantagens de uma abordagem hermenêutica da memória e as razões pelas quais as descrições pessoais de ordem rememorativa desempenham um papel fundamental no acesso e na avaliação da experiência da enfermidade mental.



## **Modalidades de Esquecimento na Ontologia de Martin Heidegger**

Marianne Conceição de Souza Girard

UFPE

O objetivo da nossa apresentação é explicitar as modalidades de esquecimento investigadas pelo filósofo Martin Heidegger (1889 - 1976) nos seus principais escritos e preleções do final da década de 20 – Problemas Fundamentais da Fenomenologia (1927), Ser e Tempo (1927), Conceitos Fundamentais da Metafísica: Mundo, Finitude e Solidão (1929/1930) – e no seu retorno à analítica existencial, já na fase tardia (1959 - 1969), conferido nos Seminários de Zollikon (1987) realizados na residência de Medard Boss. Em poucas palavras: o esquecimento que podemos encontrar enfaticamente mencionado nos parágrafos iniciais de Ser e Tempo é aquele que vamos chamar neste trabalho de (1) esquecimento metafísico ou esquecimento da diferença ontológica entre ser e ente – que, injustificadamente, faz a imediata identificação entre ser e ente. Outra abordagem do fenômeno do esquecimento é aquela que chamaremos de (2) esquecimento existencial. Este tipo de esquecimento se caracteriza por uma relação que o próprio Dasein estabelece com o seu ser, sendo de cunho ontológico. Não se confunde, portanto, com o (3) esquecimento cotidiano, que correspondente àquele tipo que compreendemos com razoabilidade: pode ser caracterizado como o simples esquecimento de eventos ônticos, de objetos manuais, em suma, é o esquecimento dos entes coexistentes e dos entes intramundanos. Para além dos textos supramencionados, nos apoiaremos na interpretação de Željko Loparić (2001) que faz um recorte direto do esquecimento cotidiano abordado por Heidegger (1987). Embora o tema do esquecimento seja caro ao nosso fenomenólogo, não encontramos um debate explícito sobre as suas

modalidades entre os nossos pesquisadores brasileiros, e, por essa razão, acreditamos que a nossa pesquisa poderá suscitar fecundas discussões.



## **Temporalidade e Transcendência: retenção e esquecimento entre Husserl e Heidegger**

Paulo Mendes Taddei

UFRJ

Entendendo-se por “interpretação fenomenológica” de Ser e Tempo aquela que explora as linhas de continuidade entre Husserl e Heidegger, tal como o fizeram, dentre outros, Tugendhat (1970), Crowell (2001) e Overgaard (2004), pode-se dizer que um dos maiores desafios para essa abordagem da fenomenologia de Heidegger é a questão do tempo fenomenológico. Enquanto já se logrou colocar em xeque uma oposição radical entre Husserl e Heidegger em temas tão diversos como intencionalidade, ser-no-mundo, práxis, epoché, redução, alteridade e intersubjetividade, o tópico do tempo fenomenológico permanece, contudo, um desafio para essa perspectiva. De início, o discurso sobre continuidade está seguro em uma dimensão meramente negativa: ambos os fenomenólogos rejeitam como não sendo propriamente o tempo fenomenológico a temporalidade da mera sucessão de momentos – “agora”, o tempo meramente cronológico. Se se adentram as caracterizações positivas, contudo, depara-se não apenas com a oposição constante no subtítulo, entre retenção e esquecimento, mas mais fundamentalmente com a oposição entre um tempo como consciência interna e um tempo como dimensão ek-stática. A minha proposta nessa comunicação é enfrentar esse desafio: explorar a linha de continuidade entre Husserl e Heidegger no que se refere à descrição da temporalidade para localizar de modo mais preciso o ponto de divergência entre os autores. Para a narrativa de continuidade lançarei mão da (talvez algo) vaga noção de contexto, empregada amiúde em ciência cognitiva de terceira geração, ao passo que o ponto de divergência será explicado a partir das diferentes concepções de transcendência.



## Esquecimento como esquecimento de si em Ser e tempo

Pedro Igor Araújo

UFSM

Neste trabalho, propomos uma análise do que reconhecemos como uma das complicações centrais presentes na descrição heideggeriana do modo inautêntico da relação do Dasein com seu passado em sentido originário, a saber, do esquecimento (*Vergessenheit*). A fim de esclarecer o que pode ser identificada como uma ambiguidade exibida nos usos da categoria de esquecimento em *Ser e tempo*, destacamos a recorrência à noção de esquecimento de si ao longo da investigação proposta em *Ser e tempo*. A atenção concedida ao esquecimento de si encontra sua justificação quando nos recordamos que o esquecimento, enquanto modo impróprio do passado, é apresentado por Heidegger como, fundamentalmente, o esquecimento do Dasein de seu dejectado poder-ser-mais-próprio (*sich das Dasein in seinem eigensten geworfenen Seinkönnen vergessen hat*) (SZ, p. 339). Ademais, ao longo da elaboração da temporalidade da ocupação *circumspecta* (*umsichtiges Besorgen*), presente no item a do parágrafo 69, Heidegger sustenta que a projecção em possibilidades característica da ocupação com o manual intramundano depende de um “esquecimento específico”, denominado como um esquecer-se (*Sichvergessen*). Por outro lado, Heidegger afirma que “também a existência própria do Dasein mantém-se em tal ocupar-se” (SZ, p. 352), caracterizado, por sua vez, como um “presenciar-que-retém e aguarda” (SZ, p. 354). Além disso, corresponde ao reter (*Behalten*) uma forma de esquecimento em sentido derivado compreendida como um não-reter (*Nichtbehalten*) (SZ, p. 339). Nesse sentido, com base nas indicações fornecidas, pretendemos uma possível elucidação da equivocidade presente no emprego da noção de esquecimento por parte de Heidegger em *Ser e tempo* a partir da elaboração da tese de que todo esquecimento constitui um esquecimento de si. Deverá ficar indicado de que modo o esquecimento, entendido enquanto comportamento intencional derivado, difere da aceção primária do termo e deve permanecer referido à dinâmica própria à estrutura do cuidado em sua compreensão específica.



## **A reconstrução fenomenológica da tese do esquecimento desde os cursos e seminários do jovem Heidegger**

Victor Hugo de Oliveira Marques

UCDB

O presente estudo é parte de uma pesquisa mais ampla e no que tangere seu objetivo específico para essa comunicação é reconstruir a noção de “esquecimento” no contexto das obras do jovem Heidegger. Para tanto, será feita a releitura de cursos e seminários conferidos por Heidegger dos anos de 1919 a 1927, em Freiburg e Marburg, que tratam da temática. A ideia é preferenciar os cursos e os seminários mais que as obras. A retomada desses textos tem levado a algumas perspectivas de leitura: [1] a tese do esquecimento está diretamente ligada ao compromisso de Heidegger com suas leituras de matriz historicista; [2] a preocupação ontológica heideggeriana visa ampliar e rever a própria fenomenologia a qual é possível pensar no papel da tradição histórica para a tese do esquecimento; e [3] as modificações de compreensão entre fenomenologia, ontologia e historicidade como movimentos que encetam a tese do esquecimento.



## **Suicídio, Técnica e Esquecimento de Ser**

Victor Portavales Silva

UERJ

Pretende-se discutir nesta comunicação o horizonte histórico da era da técnica como momento de acentuação do esquecimento do ser, que se configura como condição de possibilidade para que a morte voluntária passe a ser apreendida e compreendida como suicídio. A definição e a lida com o suicídio, neste horizonte epocal, mostram-se marcadas pela instrumentalidade própria da composição (Gestell), modo de desvelamento de sentido hipostasiado e hipostasiante perpetrado na era da técnica. Neste sentido, busca-se então prever, controlar e evitar a morte voluntária, possibilidade ôntica que se apresenta ao existente em qualquer tempo histórico. Tal modo de desvelamento, no entanto, obscurece a possibilidade de uma apreensão verdadeiramente fenomenológica do acontecimento em questão. Tornar vi-



sível o que encontra-se obnubilado em relação ao suicídio é tarefa, portanto, intimamente atravessada pelo esquecimento do ser. Faz-se então necessário exercitar um questionamento que supere o entendimento das noções de vida, morte e antecipação da finitude a partir de sua disponibilidade, manipulação e apropriação. O resgate da terminologia morte voluntária, assim como de seu sentido arcaico-originário, é um passo inicial, porém necessário, no projeto de uma compreensão do fenômeno atualmente denominado suicídio.




## **Esquecimento e a via de uma alteridade própria**

Vinicius Paiola de Oliveira

USP

O tema do esquecimento, que é a contrapartida da questão do ser, foi uma das questões a serem esclarecidos por Heidegger na ontologia fundamental. O círculo hermenêutico no qual o Dasein é, ao mesmo tempo, o ente que entra em jogo consigo mesmo e esquece-se disso carrega a necessidade de tornar manifesto suas estruturas existenciárias. Em *Ser e Tempo*, a analítica do ser-no-mundo abre o Dasein ao seu “quem” podendo responder um aspecto essencial do esquecimento: ao entender simplesmente, no mais das vezes, o Dasein não o faz de maneira própria, mas em vista do das Man. O Das Man, por sua vez, é revelado como a estrutura responsável pelo esquecimento na medida que mantém o Dasein como um ninguém sob a ditadura pública em seu entender previamente dado e cotidianamente reforçado. Para desvencilhar-se disso e torná-lo transparente a seu fundamento finito, que configura também a apropriação de si diante do mundo, é necessário um estado-de-ânimo de angústia, através da qual o Dasein se isola do mundo porque o estranha. Neste ponto, no entanto, cabe indagar que voz é essa que o solicita para a angústia se é preciso que ele mesmo esteja isolado? A resposta pelo “quem”, ou os “quem” como parece ficar indicada, mostra uma alteridade subjacente à própria estrutura existenciária isolada que nos auxilia a tornar manifesto sua transparência a cada vez esquecida. Como podemos indicá-la e como conectá-la a estrutura do cuidado são questões em aberto, mas que podem proporcionar reflexões sobre a possibilidade da alteridade mesmo no isolamento do ser-próprio.



## **Dúvida Corporal como aspecto fenomenológico da enfermidade**

Alexandre de Ugalde Gründling

UFSM

A fenomenologia da enfermidade tem contribuído com as teorias da medicina, constituindo-se em um referencial teórico cuja abordagem tem auxiliado na compreensão do fenômeno da experiência da doença. Uma característica da abordagem fenomenológica é a identificação e descrição de estruturas que constituem a nossa experiência significativa de mundo. Apesar de terem um papel determinante, quando não perturbadas, estas estruturas são essencialmente tácitas, silenciosas e transparentes. Uma delas é a certeza corporal (Carel, 2016), descrita como um sentimento corporal que, ao nível dos sentimentos existenciais (Ratcliffe, 2008), assegura nosso senso de familiaridade e vinculação com o mundo. Dado seu caráter fundamental, a certeza corporal é colocada em evidência quando suspensa ante o questionamento das capacidades corporais próprias. É o que ocorre em contextos de doença, nos quais as estruturas tácitas tornam-se aparentes. Desta forma, a certeza corporal dá lugar à dúvida corporal, que revela uma transformação da experiência em seus níveis mais básicos, como a experiência do tempo e espaço, ou ainda desmascarando a extensão de nossa vulnerabilidade. Neste sentido, este trabalho tem por finalidade apresentar a abordagem fenomenológica da enfermidade na perspectiva da dúvida corporal e mostrar como ela se revela em contextos de perturbação, podendo ser experienciada em termos de perdas, como a perda da continuidade, da transparência e da confiança corporal.



## Esquecimento da condição passiva do cogito. Michel Henry, leitor crítico de Martin Heidegger

Andreas Gonçalves Lind

Université de Namur

Em *Sein und Zeit*, Heidegger procura uma origem fenomenológica anterior ao cogito cartesiano, dado que este não constitui, segundo a sua leitura, o verdadeiro começo. De facto, a suposta evidência apodítica de quem afirma “cogito ego sum” pressupõe já uma leitura do ser que deve ser posta em causa. Por outras palavras, ao afirmar “eu sou (sum) enquanto penso”, o ego revela, antes de mais, o carácter primordial da “questão do ser em geral”. No fundo, a afirmação “eu sou” só é legítima a partir de um esclarecimento do sentido do ser, cuja questão se revela assim originária e fundante de toda e qualquer manifestação. Eis em breves linhas o essencial da crítica que Heidegger dirige, não apenas contra Descartes, mas também contra o pai da fenomenologia, Husserl, para quem o cogito cartesiano se situaria na descoberta do aparecer puro. Michel Henry, por seu lado, rejeitando a fenomenologia histórica de Husserl, é capaz de regressar ao cogito de Descartes para nele situar o começo da investigação fenomenológica. A presente comunicação procura mostrar como a fenomenologia henryana da vida se desenvolve num diálogo crítico em relação à leitura heideggeriana do cogito cartesiano de forma a dar lugar ao puro aparecer, respeitando plenamente o primeiro princípio da ciência fenomenológica: “quanto há de aparência, tanto há de ser”; só o fenómeno da auto-afecção, compreendido como a descoberta cartesiana da IIª Meditação Metafísica, realiza este ato profundamente fenomenológico, no qual não há lugar para a diferença ontológica entre Ser e ente, ou entre o que aparece e a aparição que o esconde. O próprio Heidegger surge, assim, como um personagem da História do esquecimento do primeiro aparecer: qual vida imanente auto-afectada. Contrariamente à opinião mais generalizada, Heidegger não se afasta, portanto, da barbárie da tecno-ciência contra a vida originária do ego.



## “*Leben ist Tod, und Tod ist auch ein Leben*”: propriedade, a morte e o silêncio

Christiane Costa de Matos Fernandes

UFRJ

Em *Ser e Tempo* Heidegger apresenta um traço constitutivo do *Dasein* fenomenologicamente compreendido: como poder-ser, o ser-aí adianta-se em relação à sua possibilidade mais própria. Seu ser-próprio insuperável como ser-para-a-morte (porque intransferível a qualquer outro) revela-se como a possibilidade para a impossibilidade, ou seja, impossibilidade de sua existência lançada (facticidade), de ter um ‘aí’, sendo o ‘aí’ a compreensão dos entes já descobertos e sedimentados na cotidianidade (queda). Mas é importante considerar que a preocupação ou o cuidado não é a totalidade alcançada por aquele que chegou à singularização pela tonalidade fundamental da angústia, ela é a constituição ontológica de todo e qualquer *Dasein*. O que a singularização promove, como possibilidade aberta pela angústia, é a transparência desse ser-próprio, cada vez obliterado na cotidianidade. Na cotidianidade a morte é vista como um “mero deixar de viver”, transferido a cada vez ao outro que morreu “dessa vez”, em um tratamento radicalmente impessoal pela indiferença frente a esse poder-ser próprio e irrevogável. A morte como fim de todas as possibilidades enquanto poder-ser extremo é indeterminada, mesmo que seja a certeza mais própria. Indeterminado, pois não se chega à morte pensando nela, o que está em jogo é a responsabilidade do ser-aí frente a essa transparência: a assunção pelo ser-aí de sua nulidade, que atravessando-o (sem qualquer conteúdo prescritivo do que deve-se ou não fazer) pode orientar o caminho de sua existência. Existência ainda fática, ainda em meio aos entes de um mundo sedimentado. Em outras palavras, caminho que reconduz o ser-aí ao “aí” que ele tem que ser e que ele radicalmente é. O que a singularização aponta é: “*Leben ist Tod, und Tod ist auch ein Leben*” (“A vida é morte, e a morte é também uma vida”. HÖLDERLIN, Friedrich. *In lieblicher Bläue*). Nessa indicação: “O si-mesmo, que como tal tem de pôr o fundamento de si mesmo, nunca pode se assenhorar desse fundamento e tem de, existindo, assumir, no entanto, o ser-fundamento dejectado é o poder-ser em jogo na preocupação” (HEIDEGGER, 2012, p.779). É pela assunção de

si como preocupação (*Sorge*) que o ser-aí pode compreender que os sentidos mobilizados em sua existência são remetidos ao seu ser mesmo, ente histórico e finito, radicalmente marcado pela nulidade essencial. Isso posto recuperamos com toda a importância as palavras de Heidegger: “o ‘fundamento’ só é acessível como sentido, mesmo que ele mesmo seja o abismo da falta-de-sentido” (2012, p.431). A partir dessa descrição queremos analisar a relação entre linguagem e silêncio, vida e morte. De modo mais específico, como o discurso (*Rede*) que articula as possibilidades significativas do horizonte existencial, recolhido na linguagem cotidiana, retrai-se na angústia e dá lugar a transparência silenciosa da nulidade essencial do ser-aí. Silêncio que atravessa a existência própria, mas deve ser articulado com a responsabilidade de si ainda no mundo semanticamente já articulado.



## Esquecimento exotérico e esotérico em Heidegger

Eder Soares Santos

UEL

Por um lado, Heidegger aponta que a técnica não consiste na fabricação das oficinas e das máquinas; também não é a utilização e manipulação interna dos procedimentos e processos, nem mesmo é um conhecimento a partir de si. Técnica é a produção do ente mesmo (da natureza e da história) enquanto maquinação. A essência da técnica encontra-se na forma fundamental de desenvolvimento da verdade enquanto asseguramento da objetividade do ente (*Gegenständlichkeit*). Por consequências, o abandono do ser se confirma no absorver-se da técnica na dissolução de uma vida atuante de afazeres. O ser é esquecido e, com isso, também o homem se torna esquecido e esquecível. Torna-se esquecível porque não é mais capaz de pensar o ser em sua verdade, o homem fica impedido de ser o defensor da sua verdade, a verdade do ser. Por outro lado, a partir da publicação dos *Cadernos Pretos* vê-se que Heidegger também pensa o esquecimento do ser como consequência do Cristianismo e ao Judaísmo; sendo aí não somente o judaísmo, mas os próprios judeus como os portadores dos aspectos da maquinação destrutiva por meio de seu caráter racionalista calculador. A apresentação procurará mostrar e acentuar essas duas perspectivas sobre o

esquecimento do ser no pensamento de Heidegger, destacando suas características exotéricas e esotéricas enquanto dissonantes.



## **Sobre o “lugar” dos sentidos, dos sentimentos e das emoções na analítica existencial heideggeriana**

Eliana Henriques Moreira

Universidade Federal do Tocantins

A tradição do pensamento Ocidental desde Descartes, considera o corpo como uma coisa (*res*), separado da alma (ou mente), sendo que tudo que se relaciona ao corpo, como os sentidos e as emoções, é tido como inferior à coisa (*res*) pensante. No pensar de Heidegger, os sentidos, os sentimentos e as emoções, longe de serem considerados inferiores por serem parte do corpo, são importantes e estão essencialmente ligados à abertura do *Dasein*. Ao esquecimento do lugar e da importância dos sentidos, sentimentos e emoções, o filósofo lembra que todo sentir é um sentir-se e está ligado ao modo de ser afinado (*Stimmung*) do *Dasein*. Os sentimentos e as emoções não são somente estados interiores a um “sujeito”. Desde essa via interpretativa, não é possível de falarmos em um sujeito, independente de um mundo. O homem não é um ser pensante que também quer e que, além disso, teria sentimentos acrescentados ao pensar e ao querer e isso com a finalidade de embelezamento ou de embrutecimento. Ao contrário, o estado de sentimento é originário, de tal modo que a ele co-pertencem o pensar e o querer. O sentimento tem, para o filósofo, o caráter de abertura, um “encontrar-se em meio ao para-fora-de-si, um manter-se no ímpeto para fora de algo e em direção a algo”, no querer vamos ao encontro de nós mesmos como aqueles que propriamente somos. Pretendemos aqui discutir essa mudança nos modos de ver o homem e o mundo proposta pela hermenêutica heideggeriana e como esta se torna um enfrentamento do paradigma estabelecido com relação ao tratamento dado e ao lugar ocupado pelos sentidos, pelos sentimentos e pelas emoções do ser humano.



## O conceito de ser-impróprio e a angústia como caminho para um ser autêntico: pensando uma ética em Heidegger

Elisney Dias Francisco

UFABC

Apresentar a constituição existencial do *Dasein* que, factualmente, está lançado no mundo e aí deve constituir-se em forma de projeto, possibilidade. Heidegger não pensa o ser humano senão radicado no mundo e, por isso, todas as relações que envolvem a existência humana acontecem a partir do momento em que esta é lançada ao mundo. Por estar lançado no mundo, o *Dasein* mistura-se com as coisas e os entes simplesmente dados, “perdendo” sua autenticidade e assumindo um ser-impróprio. A perspectiva de uma leitura ética na análise existencial do ser humano – *Dasein* – como ser-no-mundo, desvela uma ética originária. Não uma ética das normas, deveres e prescrições. Mas uma ética da responsabilidade. O *Dasein* tem que responder por aquele que é. Enquanto essencialmente livre, ele é responsável por seu próprio ser, ou seja, ele é cuidado. O ser humano ou *Dasein* é essencialmente poder-ser como liberdade. Diante dessa facticidade, Heidegger aponta a angústia como “sentimento” responsável por revelar ao *Dasein* o seu ser autêntico, próprio, aberto e consciente do fato de que é um ser-para-morte, e que sua constituição, enquanto um ser que aí está, deve ser sempre em forma de projeto, sempre aberta às possibilidades que a existência lhe oferece. Existir, para o *Dasein* que encontra o ser autêntico, é nunca estar fechado.



## Alguns aspectos do legado heideggeriano no Foucault tardio: o esquecimento do ser e o cuidado de si

Fernanda Antônia Barbosa da Mota

UFPI

A influência de Heidegger sobre Foucault pode ser considerada como bastante incomum no contexto da história da filosofia. Isso porque, diferentemente do que costuma ocorrer na maioria dos casos de influência filosófica em que o autor mais jovem escreve abertamente sobre os escritos do

autor mais velho, no caso de Foucault isso não foi assim. Somente no final de sua vida, em uma de suas derradeiras entrevistas é que o filósofo francês declarou que o filósofo essencial na sua trajetória intelectual foi Heidegger. Foucault afirma que suas leituras e anotações sobre a obra do filósofo alemão, durante a primeira metade da década de 1950, determinaram seu futuro filosófico. Tal declaração inspira uma busca por aspectos do legado heideggeriano nos textos tardios de Foucault. Assim, nessa breve releitura da obra foucaultiana, são enfatizados alguns aspectos temáticos privilegiados no domínio da estética da existência, visto que no âmbito da noção de cuidado de si, são discutidos os temas existenciais esquecidos por parte da tradição filosófica. A estética da existência é o princípio ético do sujeito de fazer da sua vida uma obra de arte, prezando a liberdade e buscando a autodescoberta para tornar-se artesão de si mesmo. Para que isso ocorra, é necessário o domínio de alguns saberes e práticas, mediante os quais o indivíduo possa encontrar autonomia, liberdade, plenitude e satisfação e que irão formar uma *tékne biou* (arte de viver). Já o conceito de cuidado de si é um modo de filosofar alternativo que também é uma arte de viver. Nas antigas sociedades gregas e romanas, o cuidado de si era a atividade de ocupar-se consigo mesmo, inspirada nos filósofos socráticos e cínicos e que não estabelecia como prioridade do filosofar a busca da verdade e do conhecimento, como na filosofia de inspiração platônica e cartesiana. Desse modo, no legado tardio de Foucault, a partir do confronto entre o conhecimento de si e o cuidado de si podemos refletir sobre algumas questões essenciais negligenciadas por parte da tradição filosófica e que Heidegger caracterizou como o esquecimento do ser.



### ***Ser e Tempo: o lugar do θαυμάζειν fundamental como retomada da pergunta pelo sentido e esquecimento do ser***

Gilvanio Moreira

UFRN

O objetivo é o de perscrutar indicativamente qual o lugar da disposição de humor fundamental (*Grundbefindlichkeit*) do θαυμάζειν (espanto) como retenção da pergunta norteadora da obra *Sein und Zeit* (GA 2) e de como



este modo privilegiado de abertura nos dispõe para a possível retomada da pergunta pelo sentido e esquecimento do ser. Tomado pela pergunta fundamental (qual o sentido do ser?) Martin Heidegger (1889-1976) foi um dos pouquíssimos pensadores a tematizar de forma mais incisiva o problema das disposições de humor. Sua tentativa: nos mostrar como todos os nossos modos de comportamento na nossa lida cotidiana, no nosso “dia-dia”, estão perpassados por disposições, “atmosferas”, tons, afinações, modulações de humor, etc. Assim, se de alguma forma nós nos encontramos afetados constantemente por aquilo que chamamos de “estado de humor”, esses mesmos “estados” tem uma relação direta com o modo como somos abertos ao mundo enquanto tal. Entretanto, se a cada caso estamos dispostos de um modo ou de outro junto-ao-mundo, há disposições de humor para as quais nos encontramos abertos fundamentalmente (*Grundbefindlichkeit*). A angústia, o tédio profundo (*Tiefe Langeweile*) e, entre outros, o θαυμάζειν, o espanto filosófico, são alguns dos humores fundamentais que nos abrem de um modo privilegiado junto a nossa existência. Em *Ser e Tempo*, tal modo de abertura é o que conserva e mantém, junto ao pensador, a árdua tarefa do pensamento. Nesse sentido, cabe-nos questionar qual o possível lugar do θαυμάζειν como disposição humor fundamental para o surgimento da pergunta que por muito tempo caiu no esquecimento.



## **Kundera, leitor de Heidegger: o tema do esquecimento do ser na história da filosofia e no romance**

Heraldo Aparecido Silva

UFPI

Em linhas gerais, a leitura do filósofo alemão Martin Heidegger sobre a história da filosofia ocidental também pode ser considerada como uma narrativa sobre esquecimento do ser. Tal perspectiva, conforme nossa interpretação, influencia sobremaneira alguns dos principais temas abordados nos romances, entrevistas e ensaios de Milan Kundera. Em tais textos kunderianos são encontrados temas privilegiados pela filosofia heideggeriana, tais como: o ser, a história, a memória, a técnica e o esquecimento. Kundera transforma a advertência heideggeriana de que a filosofia ocidental teria ne-

gligenciado os temas essenciais da humanidade – o esquecimento do ser – em uma interrogação existencial sobre a qual ele fundamenta o propósito de ser do romance. Para o romancista tcheco todos os grandes temas existenciais analisados por Heidegger em *Ser e Tempo*, embora tenham sido esquecidos pela filosofia moderna, foram sistematicamente investigados pela tradição romanesca. Desse modo, Kundera sustenta que, embora Heidegger tenha razão acerca da constatação do esquecimento do ser na história da filosofia ocidental moderna, o romance supriu historicamente essa lacuna, visto que há mais de quatro séculos investiga de modo peculiar, aquilo que somente um romance é capaz de descobrir: os diferentes aspectos da existência humana.



## **O esquecimento da vida na filosofia: considerações sobre o desvelamento da experiência fática da vida na Fenomenologia da Vida Religiosa**

Isadora Franco Felício dos Santos

UNESP

Na primeira preleção friburguense do semestre de inverno de 1920/1921, “*Introdução à Fenomenologia da Religião*”, Martin Heidegger apresenta intuitos muito claros quanto à sua filosofia: a proposta de um voltar à experiência fática da vida na filosofia. A proposta, de um giro radical para a própria origem da filosofia, parte da consideração de que uma de suas características próprias é a necessidade de uma autocompreensão, sempre voltando às próprias questões preliminares que as constituíram. Esse seu traço originário caiu em esquecimento, e sofreu uma deformação (*Werustaltung*), desde que se nivelou a filosofia às ciências naturais: a história da filosofia geralmente interpreta que houve uma ciência geral e dela se derivou uma série de diversas ciências particulares, concluindo que o âmbito científico se defluiu do âmbito filosófico. Essa concepção de que essas duas áreas são um “ocupar-se cognitivo do mundo” conduz a cada vez mais à encobrimentos de fundamentos originários da filosofia, tornando-os não esclarecidos. Em contrapartida, Heidegger propõe que na vida fática se encontra motivações propriamente filosóficas, e o meio de se possibilitar

que haja uma filosofia desveladora é mudando o seu atuar pelo método da fenomenologia. Assim, procura se afastar das filosofias que se baseiam em ordenações de complexos temáticos, que subdividem os temas em gêneros e que tratam normalmente de objetualidades, acreditando que, partindo da vida fática, o alicerce da filosofia deixaria de ser a teoria e se tornaria a atuação do homem no mundo em um conjunto de experiências, um homem que sempre é e está ligado ao seu mundo circundante por meio do seu experimentar. Por exemplo, o método histórico da filosofia é apresentado por Heidegger como uma hipótese inexistente de objetividade. Assim, por meio da experiência da vida fática o autor defende a possibilidade de uma filosofia desveladora, que conduz novamente o pensamento filosófico à um horizonte ôntico-ontológico.



## **O fenômeno e fenomenologia: uma leitura Schopenhauer-heideggeriana da *Alétheia***

Jheovanne Gamaliel Silva de Abreu

IFPB

Arthur Schopenhauer (1788–1860) e Martin Heidegger (1889–1976) foram importantes filósofos contemporâneos, mas por serem antagônicos existem poucos ou quase nenhum trabalho que relaciona ou diferencia a suas filosofias. O objetivo deste trabalho é o incitar e introduzir uma possível leitura Schopenhauer-Heidegger, tendo no conceito de fenômeno o alicerce para a discursão. A metodologia utilizada no desenvolvimento deste trabalho foi a dedutiva com técnica metodológica a análise bibliográfica utilizando a obra de Schopenhauer, *Die Welt als Wille und Vorstellung*, e de Heidegger, *Sein und Zeit*, bem como alguns de seus comentadores. O fenômeno para Schopenhauer é fruto de sua leitura kantiana que considera tudo aquilo captado pelos sentidos mera aparência e, conseqüentemente, não representa o objeto como de fato o é. Por isto, que Schopenhauer renomeia o fenômeno como representação, pois este seria uma cópia imperfeita da essência do mundo: a Vontade. Ao contrário do filósofo de Dantzig, Heidegger considera fenômeno derivado da palavra grega (*phós*) aquilo que se põe a luz, não ficando presa na superficialidade, mas resultando na verdade.

Desta forma, a fenomenologia é o método que desvela (*alétheia*) e que possibilita o desenvolvimento da ontologia. Somente por este método há a ontologia fundamental, isto é, a questão do sentido do ser, que foi esquecido e deturpado ao longo da história da filosofia. Sendo para Heidegger, Schopenhauer um destes deturpadores e também o acusando de ser um corruptor do pensamento Nietzscheano.



## O problema da técnica e a urgência do mistério

Lisandra Caroline de Araújo Lima Teixeira

UFPB

O problema da técnica pensado por Martin Heidegger se faz atualmente de crescente importância e urgência a ser analisado. No mundo onde se encara uma maior separação do homem de sua existência autêntica, localizado em uma sociedade de massa que encara o desequilíbrio social e ambiental. A hegemonia do cientificismo técnico moderno refletido na instituição da ciência moderna, nas sociedades de consumo em massa, de entretenimento, nos leva a um perigo cada vez maior para o homem refletido no esquecimento do ser. Em sua filosofia que já nos alerta e analisa essa problemática, Martin Heidegger nos propõe uma forma de reparação que aos poucos possa superar a crença tecnológica moderna. Em sua problematização da metafísica, continuo esquecimento do ser, há a necessidade de escutar o apelo do ser para questionar realmente qual a origem deste esquecimento. Para Heidegger, o próprio esquecimento do Ser, a entificação do ser presente desde o primórdio da história da metafísica com Platão e Aristóteles, é de fundamental importância para entender essa universalização da técnica e modernidade científica instaurada, e que a partir disto, se faz como o próprio destino e desenvolvimento da humanidade. Nos propõe então um retorno ao antigo sentido de *techné* grega voltada para o cuidado e para o respeito ao próprio desvelar das coisas como vêm ao encontro. Podemos pôr em um sentido ambiental atual e ampliar também o significado de cuidado para onde fazemos nossa morada, na diversidade da vida a se preservar, enquanto humano e natureza extra-humana. A planetarização da técnica ou europeização, sendo um projeto que parte do continente europeu

para o resto do planeta, como aborda Heidegger em sua carta-resposta ao professor Dr. Takehiko Kojima da Universidade de Tóquio (1965). Esse projeto combate contra a criação e desvelar autêntico da verdade, nesses onde se encontraria o reparo que ultrapassaria o viés meramente científico de visão de mundo, mecanicista e matematizante, focando no próprio cuidado do habitar autêntico, que veria o mundo além de fonte de energia e matéria prima bruta a ser lapidada em prol do progresso da técnica, ciência e do mercado. Heidegger propõe desenvolver e des-cobrir um caminho capaz de renovar e repensar o próprio ser para trazer o que se encontra na nossa própria frente e que somos incapazes de enxergar sua abertura. Aquilo que nos é mais próximo caiu no esquecimento, o próprio mistério, é necessário dar um salto na mesma posição, um passo trás, para o ainda não pensado ou esquecido e que é o mais difícil.



## O problema da angústia em Heidegger

Mariana Alvares

Universidade Estadual de Santa Cruz

No presente trabalho propomos apresentar o modo como Heidegger trata o conceito de angústia em sua aula inaugural *Que é Metafísica?* (1929), enfatizando a relação entre o despertar da angústia e a revelação do ser. Ao mesmo tempo, propomos confrontar o tratamento do conceito de angústia na preleção e aquele que Heidegger dá ao conceito em sua obra *Ser e Tempo* (1927). Com efeito, em sua preleção, Heidegger apresenta a angústia como uma manifestação do nada, na qual ocorre a revelação do ente enquanto tal para o ser-aí. Por outro lado, no § 40 de *Ser e Tempo*, Heidegger apresenta a angústia como a disposição que retira o ser-aí da de-cadência e o singulariza, ou seja, o coloca diante de si mesmo. Com isso, mostraremos os desdobramentos do conceito de angústia, desde a abordagem mais existencial do tratado maior até a perspectiva mais ontológica da preleção.



## **Teologia do ostracismo**

Paulo Gil Ferreira

UERJ

Dois são os objetivos principais desta apresentação. Em primeiro lugar, ela pretende refazer o itinerário do pensamento de Heidegger, que se inicia com um projeto filosófico de recuperação da questão do ser e, por extensão, das possibilidades históricas do ser humano, a partir, precisamente, da evidenciação do esquecimento do ser como sua condição existencial. Esse itinerário se altera quando Heidegger nota a impossibilidade de realização de seu projeto inicial, dado que a condição de esquecimento do ser está ela mesma submetida a uma condição ainda mais originária de abandono. Isto implica que o ser humano não pode ser a medida para a mobilidade da história. É preciso um novo advir, que depende de um pensar instaurador de uma transição confrontadora entre o primeiro e o outro início históricos, porém isso não garante que uma época histórica possa ser ultrapassada. Restar-nos-ia, por conseguinte, ou bem, rumar para o absoluto esquecimento de nós mesmos, para o desaparecimento de qualquer lembrança, ou bem, um pensar deslocado, cujo caráter confrontador não pode se alimentar de nada a não ser de si mesmo, à espera injustificada de alguma nova mensagem. O segundo objetivo da apresentação está em propor uma alternativa ao diagnóstico heideggeriano a partir de uma abordagem mais secular, por assim dizer, baseada em possíveis contrapontos de alguns de seus seguidores.



## **Acontecência humana: reflexões sobre o modo de ser-para-o-início**

Priscilla Andrea Glasre

PUC-SP

O diálogo entre a Psicologia e a Fenomenologia vem se constituindo como contraponto ao pensamento positivista, nos despertando para o exercício da reflexão meditativa. Na Psicologia, este diálogo praticamente restringe-se ao existir humano adulto. Assim, partindo do ser-aí (adulto) e

suas condições ontológicas fundamentais apresentadas por Heidegger, este trabalho desenvolve novas possibilidades compreensivas do ser bebê. O ser-bebê é compreendido como acontecente e, que, já no seu primeiro respirar tem que assumir a tarefa ontológica de cuidar do seu existir. Cuidando do existir, o bebê pode vir-a-ser um existente para si mesmo. Nesta trama existencial a relação ser-com-os-outros é fundamental; a fim de tornar-se um existente para si mesmo, sentir-se real, todo ser humano precisa, necessariamente, acontecer num ambiente humano, estar junto a outros seres humanos. Sobre o modo de cuidar do bebê, cabe detalhar alguns cuidados cruciais, dos quais o bebê depende, e características de como eles têm que ser despendidos: um ambiente estável, constante e simples; atendimento às necessidades do bebê, por inúmeras vezes, no tempo dele; e um cuidador pessoal, próximo, íntimo. Por conseguinte, o bebê vai sendo temporalizado por meio de experiências que acontecem com grande frequência e de forma muito similar, de modo que o mundo se mostre, em uma dada medida, previsível ao bebê, e por isso, confiável. Neste momento da trajetória existencial do bebê algum sentido de realidade já pôde, então, ser constituído. O que sabemos é que esse sentido de realidade nunca chega ao estado em que se encontra totalmente acabado, justamente por conta do ser do homem se manifestar no tempo. A fenomenologia concebe o acontecer do bebê fundamentado na visão de homem como um ser temporal, e que nesse acontecer é que o homem pode vir a se ganhar como um si-mesmo, ao seu modo de ser. Então, mesmo sido falado, nesse trabalho, sobre a essencialidade do contato do bebê com outros seres humanos e, principalmente, sobre os modos como o bebê é cuidado para que ele possa se tornar um si-mesmo, é de suma importância, aqui, complementar, que todo homem é também constituído pelo seu futuro, que é indeterminado. Forçoso é compreender que o ser-bebê inaugura a tarefa fundamental que atravessa toda a existência humana e que nenhum ser-aí em vida pode recusar: a tarefa de ter que cuidar e dar sentido para o próprio existir no mundo que é o seu.



## **Gestell como tragédia hodierna**

Renzo Mascote de Andrade

Universidade do Estado do Pará

Em *Introdução à Metafísica* (1935), Martin Heidegger nos indica o chamado “declínio espiritual da terra” no qual, mesmo com a completa dominação da técnica e da economia, permanecem questionamentos tais como “Para quê? Para onde? E depois, o quê?”, onde tampouco se poderia enxergar a decadência como decadência. A busca incessante pelo ente e mais nada concretizado na especificidade das ciências que regem e definem a vida humana contemporaneamente retirou gradualmente a atribuição de sentido ao *Dasein*, que foi perdendo seu reconhecimento como natureza e até sua espiritualidade, trocando-os pelo antropocentrismo desprovido de sentido da era da técnica como *Gestell*. Nestes tempos, encontramos-nos em uma real situação de perigo, que este trabalho denomina Tragédia. Resultado de um PIBIC, a pesquisa parte de uma analítica ontológica do *Dasein* na Trilogia Tebana que traçou um código trágico em Sófocles. Neste código há desconstrução de ideais de vida mediante o enlaçamento de fatos que nos aproximam da realidade funesta da dubiedade existencial, recordando-nos que embora a facticidade na Tragédia aparente absurda, assim pode suceder ao nosso lado. Dessa perspectiva, vê-se, no hodierno, a trágica concretude da coisificação humana no único ente que pode, por meio da linguagem, buscar pelo ser. Mediante a avaliação do declínio significativo e do poder reflexivo, imputando-se a responsabilidade nas deliberações e suas consequências, como um ensaio de catarse, poder-se-ia retomar o caminho da linguagem, voltando-se ao Princípio da Identidade, conforme a Conferência de 1957, que estabelece a mesmidade como comum-pertencer (onde estamos inseridos com o ser), no qual apenas se pode penetrar por meio de um salto no abismo, isto é, assumpção do pertencimento ao ser. Dessarte, o trabalho se apresenta em duas frentes conceituais: A Tragédia; A *Gestell*.





## Ser com o morto: recordação e formação na individuação histórica

Róbson Ramos dos Reis

UFSM

Heidegger identificou a relação com os mortos como integrante da socialidade e da individuação histórica da existência. Além disso, o modo de ser dos mortos caracteriza o domínio da ancestralidade, o qual, por sua vez, corresponde ao campo próprio de uma fenomenologia da espectralidade. No presente trabalho reconstruirei esta estrutura existencial, tendo como foco específico o componente normativo da ancestralidade. A normatividade do ser-com-os-mortos, por sua vez, contribui para a formulação de uma noção hermenêutica de memória, na qual o respeito aos mortos corresponde à exigência de uma recordação que se efetiva como formação histórica.



## Suprasunção e esquecimento: negatividade e diferença na filosofia da história de Hegel e Heidegger

Thiago Ehrenfried Nogueira

PUCPR

A formulação da ontologia de Heidegger tem como base a questão do esquecimento do ser. Essa questão perpassa a relação entre ser e tempo e permite Heidegger pensar o fenômeno da existência como *Dasein*. Para além das questões existenciais e ônticas, Heidegger formula uma filosofia da história como historicidade do ser. Dessa forma, existem duas temporalidades do ser em Heidegger, uma temporalidade do *Dasein*, *Zeitlichkeit*, e uma temporalidade do ser, *Temporalität*. A história ocorre na relação entre essas duas temporalidades. Para Heidegger, essa relação se dá através do esquecimento do ser, e do acontecimento (*Erignis*) histórico como produção (*Poiesis*) da diferença entre ser e ente. Assim, “a história do ser começa com o esquecimento do ser, começa com o ser a reter em si o seu estar-a-ser (essência), em relação ao ente. A diferença desaparece. Permanece esquecida.” (HEIDEGGER, 2014, p. 430) Já a filosofia de Hegel, para Heidegger, é o ápice da metafísica enquanto esquecimento do ser. Em Hegel a consciência parte de uma distinção de si em rela-

ção ao ente, para captar o movimento do ser, portanto, Hegel apela para uma dialética mediada pela negação como motor do movimento. Desta forma, Hegel permanece em confundir o pensamento do ser como pensamento do ser do ente, em última instância, confundir ser com ente. Como consequência disso Hegel apreende o movimento como suprassunção (*Aufhebung*) em que cada movimento posterior contém os anteriores, assim, a temporalidade é pensada como uma adição de presença mediada pela negatividade, com finalidade de atingir a presença absoluta. O movimento histórico do Espírito é uma temporalidade sem esquecimento, sem diferença, sem perdas, apenas adição, e todos os momentos anteriores estão disponíveis para relembração na cultura. Nesse sentido, busca-se fazer uma distinção do pensamento de Heidegger com a tradição, tomando como exemplo Hegel, e formular o esquecimento como um traço fundamental do pensamento histórico de Heidegger, que o possibilita pensar a história para além da metafísica da presença.



## Repouso no esquecimento

Verena Than

Universidade Estadual do Rio de Janeiro

As três conferências de Heidegger que, posteriormente, foram publicadas com um só título, *A essência da linguagem*, pretendem caminhar para um pensamento sobre essa linguagem a partir de um modo de linguagem privilegiado – e não a partir da, talvez, já exaurida metalinguagem. Um modo privilegiado da linguagem, além da filosofia, é a poesia. Heidegger empresta, para realizar essa tarefa, a voz do poeta Georg Trakl. Seu poema, *A palavra*, expõe a genuína experiência da linguagem, do deixar aparecer da palavra e do anunciar-se das coisas. Entretanto, essa experiência não é apenas anunciação, ela também é renúncia. O poeta anuncia e renuncia às palavras e, portanto, a “nenhuma coisa que seja onde a palavra faltar”. A linguagem, assim, confessa a relação entre as coisas e as palavras. Porém, o modo com que ela faz isso é que nos é peculiar, ela “clareia encobrendo”. E, em sua abertura, ela encobre, pois “cada coisa é em relação a outra como uma espécie de guardião, de proteção, de um véu”. Esse encobrimento, que é parte inerente da experiência da linguagem, também é curiosamente retomado em outra conferência – *O caminho para a linguagem*

–, em uma breve nota na edição alemã que diz que a transformação histórica da palavra, daquilo que mostra (deixa aparecer) para aquilo que designa (atribui nome), “repousa no encobrimento (‘esquecimento’) da clareira como tal e da permanência dela”. Se encobrimento é esquecimento, esquecer não é perder ou faltar. É estrutura que constitui a própria manifestação da linguagem. Essa linguagem que se abre e deixa ver a luz da clareira, e nos faz repousar e esquecer, mesmo que por um instante, a escuridão da floresta.



## Estupidez Ontológica em Heidegger

Yonathan Listik

Universidade de Essex

A proposta parte de uma análise do conceito de *Axunetoi* no argumento que Heidegger constrói acerca do fragmento I de Heráclito na seção ‘Ser e Pensamento’ de *Introdução à Metafísica* para argumentar que na filosofia de Heidegger, a ausência de conhecimento é ontologicamente fundamental para a constituição do ser. Segundo Heidegger *Axunetoi* significa a falha em compreender que constitui o *da-* do *Dasein*. Nessa condição, o lugar do ser nunca é um terreno sólido e bem estabelecido para a construção de uma existência. Pelo contrário, Heidegger afirma que essa condição é marcada por um *Unheimliche*: *Dasein* está sempre invariavelmente presente no mundo, mas sua presença é marcada pela falha de compreender e formar uma base sólida então ao mesmo tempo que ela está em seu devido lugar (*da-*), esse lugar não lhe é seguro. Nesse sentido, existe uma espécie de estupidez do ser que está sempre no mundo, mas é incapaz de compreender e formar uma realidade absoluta. Esse ponto pode ser encontrado também no texto ‘*What is called thinking?*’ onde Heidegger argumenta que somente aquilo que está além do conhecimento pode receber o nome de pensamento. Segundo ele, a “ciência não pensa”, pois, já possuindo o conhecimento, nada chama o pensamento. Nesse sentido, somente aquilo que não possui conhecimento, essa falha ao conceber que eu chamo de estupidez, pode invocar o pensamento e, portanto, receber o nome de pensamento. A proposta busca mostrar como *Dasein* é marcado por essa constante ausência de saber, esse esquecimento de sua própria condição enquanto presente e estanho ao mundo que cria a condição de ser.

